

**“POR HOJE É SÓ HOLLYWOOD”: ANÁLISE A RESPEITO DA MORTE NO
MÉXICO E NO HAITI E O PODER DOS FILMES NA DISSEMINAÇÃO DA
CULTURA**

*"FOR TODAY IT'S JUST HOLLYWOOD": ANALYSIS OF DEATH IN MEXICO
AND HAITI AND THE POWER OF FILMS IN THE DISSEMINATION OF
CULTURE*

Beatriz Freire Guimarães¹
profbeatrizguimaraes@gmail.com

Sebastião Lacerda de Lima Filho²
arqueologiasobradinho@gmail.com

Manoel Odorico de Moraes Filho³
odorico@ufc.br

Danielle S. Macedo⁴
danielle.macedo@ufc.br

Emmanuel Stéphane Laurent⁵
stephanelaurent95@gmail.com

RESUMO

As concepções acerca do fenômeno da morte nas diversas sociedades são profundamente influenciadas por fatores de natureza religiosa e cultural. Embora existam diferenças marcantes nos métodos e práticas adotados, muitos rituais compartilham fundamentos semelhantes, que visam preservar a memória e a identidade dos respectivos povos. Na América Latina, especificamente no México e no Haiti, observa-se que tanto os haitianos quanto os mexicanos possuem uma concepção da morte que enfatiza a importância da celebração, dos rituais e das crenças espirituais. Contudo, em virtude de fatores religiosos e, sobretudo, do poder da mídia, a percepção da morte no Haiti, associada ao Vodou, é frequentemente estigmatizada fora do país, gerando temor e preconceitos, em grande parte devido à imagem macabra disseminada pelos filmes de Hollywood. Em contrapartida, as representações divulgadas acerca da celebração festiva e colorida da morte no México exercem um fascínio que atrai visitantes ao país. Dessa forma, o propósito deste artigo é abordar, de maneira didática, as diferenças e semelhanças na forma como a morte é percebida nesses países, fornecendo informações básicas sobre a cultura religiosa desses povos. O projeto é fruto da colaboração científica e desdobramentos de uma pesquisa maior intitulada “*Projeto Vodou: estudos de Antropologia Cognitiva, Etnobotânica e Medicina Tradicional na Isla Hispaniola: mar do Caribe*”.

¹ Universidade Federal do Ceará – UFC.

² Universidade Federal do Ceará – UFC.

³ Universidade Federal do Ceará – UFC.

⁴ Laboratório de Neuropsicofarmacologia. Programa de Pós-graduação em Medicina Translacional (PPGMDT/NPDM).

⁵ L'Académie National Diplomatique et Consulaire (ANDC), Haiti.

Palavras-chaves: Morte; Vodou; Religião; Educação; Identidade; Colaboração científica.

ABSTRACT

Conceptions about the phenomenon of death in different societies are deeply influenced by religious and cultural factors. Although there are marked differences in the methods and practices adopted, many rituals share similar foundations, which aim to preserve the memory and identity of the respective peoples. In Latin America, specifically in Mexico and Haiti, both Haitians and Mexicans have a conception of death that emphasizes the importance of celebration, rituals and spiritual beliefs. However, due to religious factors and, above all, the power of the media, the perception of death in Haiti, associated with Vodoo, is often stigmatized outside the country, generating fear and prejudice, largely due to the macabre image disseminated by Hollywood films. On the other hand, the representations disseminated about the festive and colorful celebration of death in Mexico exert a fascination that attracts visitors to the country. Thus, the purpose of this article is to address, in a didactic way, the differences and similarities in the way death is perceived in these countries, providing basic information about the religious culture of these peoples. The project is the result of scientific collaboration and the unfolding of a larger research project entitled "*Vodou Project: studies in Cognitive Anthropology, Ethnobotany and Traditional Medicine on Isla Hispaniola: Caribbean Sea*".

Keywords: Death; Vodou; Religion; Education; Identity; Scientific collaboration.

INTRODUÇÃO

É verdadeiramente perturbador testemunhar a ingratidão do ser humano diante da inevitabilidade e imponência da morte e suas implicações nos campos culturais, cosmológicos e sociais. Como pode alguém não se sentir fascinado por aquela que é a única certeza que acompanha cada passo de nossa existência? Neste momento, não se trata de abordar os desejos obscuros e doentios de tirar a própria vida ou ceifar a vida alheia⁶. Estamos falando, sim, da profunda vontade de compreender e estudar esse fenômeno inescapável que é a morte, para que, independentemente das crenças

⁶ Para compreensão de aspectos relacionados com tais observações é fundamental a leitura da obra “**O suicídio**” do sociólogo francês Émile Durkheim, trabalho escrito originalmente em 1897. Na mesma, questões profundas de ordem social associada a muitos elementos do viver, interagir, sofrer e morrer são abordados e reflete questões relacionadas as transformação dos indivíduos em sociedade tanto do ponto de vista individual quanto os impactos coletivos da noção de morte e sofrimento.

individuais, possamos encontrar algum conforto diante do destino já traçado. A compreensão de tal fenômeno inerente a nossa espécie serve também de alento para nos situar enquanto seres biologicamente ativos no planeta e fornece implicações e desdobramentos no que se refere as nossas relações culturais e sociais. Nos confere um lugar de destaque como uma das poucas espécies amplamente documentada que tem consciência e registra, assim como a que se “apavora”, “entristece” ou “festeja” a passagem por tal evento e momento na sua vivência e história.

Como cita o personagem Chicó⁷ de Ariano Suassuna, a morte *“igual a tudo que é vivo num só rebanho de condenados. Porque tudo que é vivo morre!”*, essas palavras sombrias nos lembram que a morte é o grande igualador, reunindo a todos nós, independentemente de nossa posição social, riqueza ou poder e ao abraçarmos a morte com uma fascinação inquietante, mergulhamos em um turbilhão de questionamentos e reflexões. Compreender sua presença constante nos permite vislumbrar a fragilidade da vida e valorizar cada momento como se fosse o último suspiro.

Portanto, é imperativo que o homem desperte para a grandiosidade e complexidade da morte para estudá-la, explorá-la e abraçá-la como uma parte indissociável de nossa jornada. Que possamos nos unir como “desgraçados” em um rebanho, compartilhando nossa humanidade e encontrando consolo no conhecimento de que não estamos sozinhos nessa estrada tortuosa chamada vida.

Não existe no mundo acadêmico um acordo ou contrato que estabeleça o controle de uma área específica para estudar a morte, logo, abordando aspectos históricos e antropológicos, o objetivo principal deste trabalho consiste em realizar uma análise acerca da percepção da morte nas culturas do Haiti e do México. Busca-se não apenas elucidar as diferenças e semelhanças existentes, mas também destacar o papel cinematográfico na disseminação de estereótipos negativos da cultura haitiana e na promoção de uma visão turística dos mexicanos, visando contribuir para uma compreensão mais ampla e combater o preconceito decorrente do desconhecimento.

A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se em leituras especializadas e no método comparativo que:

⁷ Contador de causos, covarde e trovador, Chicó é um dos grandes personagens do “**O Auto da Compadecida**”, obra do escritor paraibano Ariano Suassuna, originalmente elaborada no ano de 1955.

Segundo FACHIN (2001) o método comparativo consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Permite a análise de dados concretos e a dedução de semelhanças e divergências de elementos constantes, abstratos e gerais, propiciando investigações de caráter indireto (PUC-RIO, n.d, p.117).

Desse modo, uma análise histórica desses lugares permite uma compreensão maior sobre as suas particularidades, inclusive como a historicidade dos fatos religiosos influenciam no cotidiano da população. Nesse sentido, é fundamental um estreito diálogo com a antropologia uma vez que a devoção assume diferentes configurações ao considerar sua composição societária, econômica e política, abordando inclusive, o impacto das produções de Hollywood em todo o mundo contribuindo para a construção preconceituosa e distorcida dos ritos fúnebres no Haiti, bem como fortalecendo e impulsionando o turismo no México através de um mesmo fato: a morte.

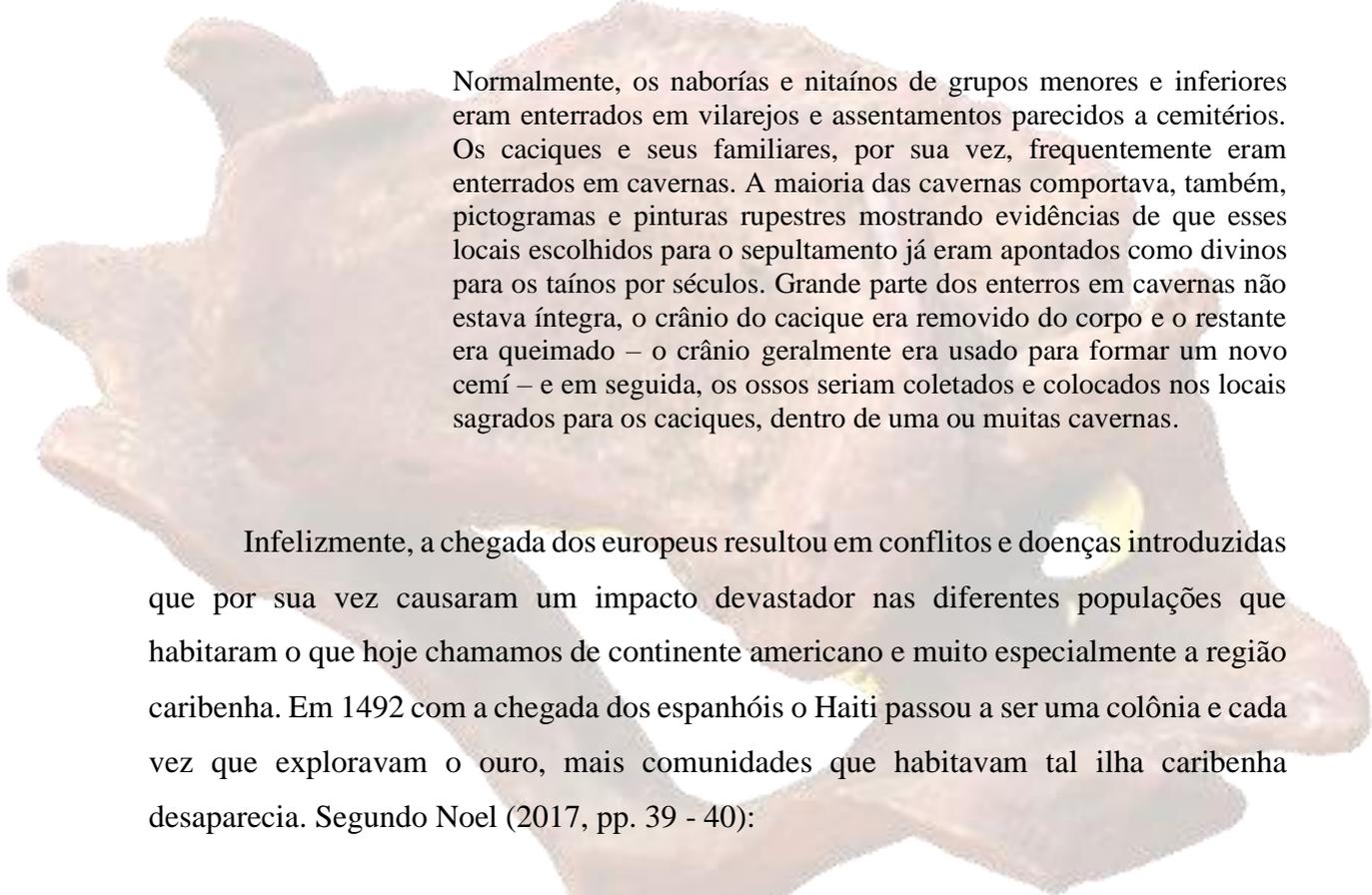
O modo como as diversas sociedades enxergam a morte está intimamente ligada às heranças culturais e religiosas, assim cada cultura interpreta a morte de uma maneira diferente, seja como o fim da existência ou apenas uma transição para outra vida. Aqui nos debruçamos sobre a cultura haitiana e mexicana. no Haiti há uma forte crença na vida pós morte, no México ela é celebrada durante o Dia dos Mortos, uma festividade que honra aqueles que já foram, porém, para uma melhor compreensão é necessário entender o cenário em questão.

Começando pelo Haiti, é importante ressaltar que apesar de sua história normalmente ser contada a partir da colonização, suas raízes são mais profundas. Segundo Noel (2017, p.39) O nome de Haiti ou “Ayiti”, quer dizer, terra alta, terra montanhosa, o nome dado à ilha pelos seus primeiros habitantes nativos, os tainos e os arawaks.

A influência dos primeiros moradores desta terra se faz presente ainda hoje, na linguagem com algumas palavras e expressões taínas incorporadas nos idiomas locais do Caribe, como o haitiano crioulo e o espanhol caribenho. Se apresentam na alimentação com base em raízes como a mandioca, o milho, a batata-doce, banana e o abacaxi. No artesanato com as técnicas de tecelagem, cerâmica e escultura utilizadas pelos taínos que ainda são preservadas e praticadas em algumas comunidades caribenhas e até mesmo na medicina tradicional com o uso de ervas e plantas medicinais, utilizadas em algumas ilhas

do Caribe e sobretudo, por terem deixado variados resquícios na Espiritualidade, nas crenças e rituais taínos que continuam a influenciar as práticas espirituais de algumas comunidades caribenhas, como na religião vodu haitiana.

Sobre a morte, para eles a organização se dava, Segundo Alexandre (2022, p.46):



Normalmente, os naboríás e nitaínos de grupos menores e inferiores eram enterrados em vilarejos e assentamentos parecidos a cemitérios. Os caciques e seus familiares, por sua vez, frequentemente eram enterrados em cavernas. A maioria das cavernas comportava, também, pictogramas e pinturas rupestres mostrando evidências de que esses locais escolhidos para o sepultamento já eram apontados como divinos para os taínos por séculos. Grande parte dos enterros em cavernas não estava íntegra, o crânio do cacique era removido do corpo e o restante era queimado – o crânio geralmente era usado para formar um novo cemitério – e em seguida, os ossos seriam coletados e colocados nos locais sagrados para os caciques, dentro de uma ou muitas cavernas.

Infelizmente, a chegada dos europeus resultou em conflitos e doenças introduzidas que por sua vez causaram um impacto devastador nas diferentes populações que habitaram o que hoje chamamos de continente americano e muito especialmente a região caribenha. Em 1492 com a chegada dos espanhóis o Haiti passou a ser uma colônia e cada vez que exploravam o ouro, mais comunidades que habitavam tal ilha caribenha desaparecia. Segundo Noel (2017, pp. 39 - 40):

A extração de ouro chegou a fornecer 500.000 peças por ano para a Espanha. Africanos, com a condição de escravos, substituíram os nativos, que já eram insuficientes, nos campos de extração de ouro. Os nativos sobreviventes do trabalho servil começaram a se revoltar; assim, do meio deles se levantou um cacique com nome de Henri, junto a um grupo dos revoltados se refugiaram nas montanhas para obter sua independência. Essa conquista foi obtida por um período de 13 anos. Foi a abertura do período do fugitivo (Marronage, ou em espanhol Cimarrón, que significa a fuga dos escravos para a floresta). A população nativa desapareceu do Haiti algumas décadas depois, mas alguns nativos formaram uma mestiçagem com os novos chegados da África e da Europa ocasionando a configuração populacional que temos hoje na região.

No século XVII, os piratas e corsários franceses estabeleceram-se em La Tortue (Tortuga), autodenominando como “irmãos da costa”, buscando ampliar territórios e explorar outras regiões e colônias. Na ocasião, atacaram os espanhóis durante diferentes sangrentos combates, até que em 31 de agosto de 1640, expulsaram os ingleses da ilha de Tortuga e pouco depois a França começou a marcar seu território, principalmente a partir de 1664.

Em 1697 o rei da França se apropriou da parte ocidental da ilha por meio do Tratado de Ryswick, um acordo assinado em 1697 entre diferentes países europeus para encerrar a Guerra dos Nove Anos⁸, ajudaram a restaurar a estabilidade na Europa. O acordo tinha como objetivo principal resolver disputas territoriais e políticas entre as nações envolvidas na guerra, um marco importante para promover a paz e evitar conflitos futuros. Segundo Noel (2017, p. 41):

Ele dividiu a ilha em duas partes: a parte oriental (atual República Dominicana, Pequena Espanha ou ainda Espanhola) e a parte ocidental (atual República do Haiti, Pequena Francesa, ou ainda Perle des Antilles, a Pérola das Antilhas). Essa aquisição marca o começo da ambição colonial francesa. Desde então, a história das duas repúblicas é dividida e apresenta uma série de contrastes e particularidades que continuam a marcar a realidade da ilha.

A colônia foi um verdadeiro sucesso, 75% do comércio mundial de açúcar saía da colônia francesa (Haiti île de Saint-Domingue), importância era tanta que tudo que acontecia na metrópole refletia diretamente na colônia. Por exemplo, com a Declaração dos Direitos Humanos fez com que “homens de cor” tivessem direito ao voto, algo que claramente desagradou os brancos por medo de uma revolta e reforçou a presença do racismo.

Durante os confrontos entre brancos e mulatos, a vitória não estava sempre do mesmo lado. Às vezes, os brancos triunfaram, outras vezes eram os mulatos que venciam, mas sempre estava associado à quantidade de escravos que lutavam aos seus lados. Esses momentos serviram para que os escravizados se tornassem mais conscientes de suas

⁸ Segundo Clark (1988), entende-se como **Guerra dos Novos Anos** um conflito que ocorreu na Europa entre os anos de 1688 e 1697. Ela envolveu várias potências europeias, como a França, a Inglaterra, a Holanda, Irlanda e outros países. A guerra teve origem em disputas políticas e religiosas, especialmente entre católicos e protestantes. Durante os nove anos de guerra, houve batalhas e confrontos em diferentes regiões da Europa. O objetivo principal das nações envolvidas era garantir seu poder e influência política por todo o continente.

capacidades e reconhecessem que também poderiam lutar por sua liberdade. Nesse contexto Dutty Boukman emergiu como líder da revolução, assumindo a liderança da luta pela liberdade dos escravizados, após alguns meses do início da revolta, Boukman foi morto e decapitado pelos franceses em novembro de 1791⁹.

Com a necessidade de um novo líder, surge Toussaint presença fundamental durante a revolução haitiana, onde ele organizou e liderou uma rebelião bem-sucedida contra as forças coloniais. Ele estabeleceu um governo independente no Haiti e implementou reformas sociais, econômicas e políticas que ajudaram a fortalecer o país. Além disso, Toussaint resistiu a tentativas de reconquista por potências estrangeiras, defendendo a independência do Haiti. Sua liderança visionária foi crucial para estabelecer o Haiti como a primeira nação independente liderada por pessoas de ascendência africana nas Américas.

Em junho de 1802, Toussaint foi preso e deportado para a França por Napoleão Bonaparte e lá morreu, no mesmo ano. Napoleão preocupado com a economia e principalmente com os ideais de liberdade que corriam pela colônia, resolveu restituir a escravidão. Segundo Noel (2017, p. 59):

Em novembro de 1802, ele começou uma caçada de exterminação aos negros. Muitos foram capturados, fuzilados, enforcados ou queimados vivos. Os mulatos sofreram a mesma perseguição. Rochambeau pediu à França em torno de 35.000 soldados para finalizar esse trabalho de aniquilação, mas Napoleão só podia enviar 10.000. Para economizar munições e para se “divertir”, o general Rochambeau enviou ao Mar do Cabo Haitiano (Cap Haitien) milhares de negros vivos amarrados a cadáveres de pessoas que haviam sido torturadas e enforcadas. O objetivo era intimidar os rebeldes que restaram e manter o controle francês por todo o território.

Após a morte de Toussaint Louverture, Jean-Jacques Dessalines assumiu a liderança da Revolução Haitiana e diante desse massacre, “devolveu na mesma moeda” massacrando os brancos da colônia. A guerra aparentava ser uma guerra racial, mas a sua

⁹ Segundo o **Censer and Hunt, *Liberty, Equality, and Fraternity* (2009)**, o sinal para iniciar a revolta foi dado por Dutty Boukman, um sumo sacerdote do Vodou e líder dos escravos quilombola, e Cecile Fatiman, mambo/sacerdotisa Vodou, durante uma cerimônia religiosa em Bois Caiman, na noite de 14 de agosto de 1791.

verdadeira causa não estava na questão de cor, mas em derrotar a todo custo a burguesia francesa (Noel, 2017, p.60).

A revolução foi uma grande rebelião de escravos contra o domínio colonial francês, com o objetivo de conquistar a liberdade e a independência, em 16 de novembro, os guerreiros negros e mulatos se posicionaram no Cabo Haitiano para enfrentar as forças repressivas lideradas por Rochambeau¹⁰. No dia 18 de novembro, ocorreu a batalha final, um momento decisivo extremamente violento que resultou na evacuação de Rochambeau e seus soldados da ilha. Em 29 de novembro de 1803, foi publicada uma declaração preliminar, e a Declaração Final da Proclamação à Liberdade foi emitida em 31 de dezembro de 1803.

Em 1804, o Haiti se tornou o primeiro país independente liderado por pessoas de ascendência africana nas Américas, mas longe de um processo pacífico, como menciona Joseph (2023, n.p):

o país passa a ser dividido estruturalmente em duas partes distintas – os crioulos (*antigos livres*) e bossales (*novos livres*) que existiam desde o século XVIII e levariam ao fenômeno de “dois Haitis”. Os conflitos entre essas duas classes irão dominar a situação sociopolítica do país até hoje. Partindo dessa perspectiva, o Haiti, desde então, teria duas culturas opostas: por um lado, uma cultura oficial (família moderna, francês, catolicismo e instituições) centrada no poder do Estado – imposta pela classe elitista; por outro lado, uma cultura popular (lakou, crioulo, vodu e kombit) representada pelo campesinato que, por sua vez, estaria fora do Estado.

Após a independência, enfrentou desafios políticos e sociais, incluindo disputas internas pelo poder e instabilidade governamental com sucessivas mudanças de governo e golpes de Estado que serão abordados no desenvolvimento deste trabalho, afinal a

¹⁰ Segundo o historiador James Perry na obra **Exércitos arrogantes: grandes desastres militares e os gerais por trás deles** (2005): Donatien-Marie-Joseph de Vimeur, Conde de Rochambeau foi um general francês que liderou as forças repressivas durante a Revolução Haitiana. Ele foi enviado por Napoleão Bonaparte para tentar retomar o controle da colônia do Haiti e restaurar a escravidão. No entanto, ele foi derrotado pelas forças rebeldes lideradas por Toussaint Louverture e posteriormente por Jean-Jacques Dessalines. Na rendição de Cap Haitien, Rochambeau foi capturado a bordo da fragata Surveillante por uma esquadra britânica sob o comando do capitão John Loring e regressou a Inglaterra como prisioneiro em liberdade condicional, onde permaneceu internado durante quase nove anos. Ele foi mortalmente ferido na Batalha das Nações, e morreu três dias depois em Leipzig (Alemanha), aos 58 anos.

situação desgovernada que o país se encontra atualmente acaba por, mesmo que indiretamente, reforçar estigmas a respeito da cultura haitiana.

Para completar, o país também enfrentou desastres naturais, como terremotos e furacões, que causaram devastação e dificultaram ainda mais sua recuperação. O Haiti continua enfrentando desafios socioeconômicos significativos, como pobreza, desigualdade e falta de infraestrutura adequada, mas apesar dos desafios, o povo haitiano demonstra resiliência e busca superar as dificuldades para construir um futuro melhor para o país (LIMA FILHO et. al., 2023).

Enquanto isso em outro ponto da América, o México nos transporta para um passado fascinante, onde povos com suas próprias línguas, religiões e sistemas tecnológicos construíram impérios hierarquizados e monumentais, como as impressionantes pirâmides no Vale dos Deuses de Teotihuacán ou as encontradas na região de Chichén Itzá e Tulum, na península de Yucatán, desafiando a visão eurocêntrica da civilização.

Segundo Moraes (2006, p. 3) Quando os espanhóis chegaram à América, o Reino Asteca¹¹ já havia feito inúmeras conquistas e se expandido pelo México Central. A civilização asteca, que floresceu na Mesoamérica, especificamente no Vale do México, tinha Tenochtitlán como sua capital, localizada onde hoje se encontra a Cidade do México.

Originalmente, os astecas estavam sob a proteção dos tepanecas, uma outra civilização mesoamericana e isso implicava em uma obrigação dos astecas em pagar tributos aos tepanecas. Contudo, no século XV, os astecas insurgiram-se contra os tepanecas, conseguindo vencê-los. Este evento marcou o término da dominação tepaneca e assegurou a independência dos astecas.

Com a conquista da independência, os astecas estabeleceram uma sociedade estratificada, composta por quatro grupos principais: o imperador, a nobreza, os cidadãos comuns e os escravos. A religião asteca era politeísta e acreditava-se que os sacrifícios

¹¹ Entende-se por **Civilizações Pré-colombianas**, as sociedades que ocupavam o que hoje conhecemos como México e outros países da América Central, a exemplo da Guatemala, Belize, Honduras, Costa Rica e outros. Também chamada de civilizações mesoamericanas por autores como Robert Carmack (1996) e Linda Manzanilla (1989). As civilizações mesoamericanas foram sociedades que habitaram a região central das Américas entre 2500 a.C e 1521 a.C. eram diversificadas em elementos culturais, sociais, tecnológicos e cosmológicos.

humanos eram essenciais para manter a ordem com os deuses e por consequência a ordem do mundo. Entre os traços da cultura asteca nos dias de hoje, pode se citar a comemoração do *Dia de los Muertos* que já era comemorado muitos antes da chegada dos colonizadores. O que se constata é que suas ideias e práticas misturam o catolicismo à cultura nativa transformando no grande festival que conhecemos atualmente e amplamente difundido por todo o México.

A chegada dos europeus ao México, liderada por Hernán Cortez, resultou em uma mudança drástica e desastrosa para os povos indígenas e após a conquista, o México foi incorporado ao Vice-Reino da Nova Espanha; Estabelecido em 1521, era um vasto território que se estendia pela América do Norte e Central, incluindo as atuais nações de México, Guatemala, Honduras, Nicarágua, El Salvador, Belize e Costa Rica. Além disso, o Vice-Reino também tinha jurisdição sobre o arquipélago das Filipinas na Ásia (ARCHER, 1997, p. 110).

O governo era uma monarquia, com o rei da Espanha como o monarca supremo. O vice-rei, nomeado na Europa, governava o vice-reino em nome do rei. Antonio de Mendoza y Pacheco foi o primeiro a ocupar esse cargo. Durante a colonização, os espanhóis aproveitaram as estruturas sociais pré-existentes para estabelecer seu controle sobre a população local. Os vários séculos de domínio espanhol sobre determinados territórios do continente americano modificaram completamente a estrutura social e cultural da região (ARCHER, 1997, p. 114).

Em 1810 os padres, Miguel Hidalgo e José Maria Morelos deram início ao movimento de independência do México. O processo uniu grupos improváveis como os liberais e os conservadores que lutavam para construção de uma sociedade organizada e livre.

É necessário frisar que a presença de religiosos na luta política foi fundamental, após a independência oficial em 1821, a utilização dos símbolos religiosos amalgamados de uma tradição católica e indígena formou uma nova identidade cultural de ação política vinculada a um sistema de anseio por transformações sociais reivindicadas até a atualidade (OLIVATO, 2011, p. 25; ARCHER, 1997, p. 117).

No que diz respeito às culturas mexicanas e haitiana, as duas realidades são ricas e diversas, com muitos aspectos únicos, embora tenham sido marcadas por histórias de

lutas, resistências e apropriações culturais que permanecem profundamente enraizadas na sociedade contemporânea. Reflexo de uma necessidade de sobrevivência e manutenção de sua herança ancestral, mas que necessita e não inválida a presença de elementos atuais, inerentes as próprias transformações históricas e sociais que ambas enfrentam nos dias atuais. Estas transformações e adequações refletem a necessidade de adaptarem e se fortalecerem enquanto países.

No caso do México, estamos nos referindo a uma cultura nativa que sofreu apropriação cultural por parte dos colonizadores europeus. Esta apropriação foi estrategicamente utilizada como um meio de facilitar a difusão de suas crenças cristãs entre a população indígena buscando mantê-las sob controle e domínio.

Este processo de sincretismo religioso resultou em uma fusão de religiões antagônicas e miscigenação de culturas que ainda são evidentes na cultura mexicana atual de norte a sul do país. Muito embora existam uma série de particularidades se levarmos em consideração a amplitude territorial e cultural do México atual. Assim, cada grupo trouxe consigo suas próprias tradições religiosas, as quais foram permeadas por situações de conflito e resistência diante da cultura dominante. Nesse contexto, surgiram distanciamentos e aproximações, resultando em um caráter híbrido, aberto à mobilidade, plasticidade e trocas simbólicas no cotidiano (PEREIRA & PAULINO, 2021, p.54; ARCHER, 1997, p. 126).

Por outro lado, no Haiti, se desenvolveu e se ampliou uma nova religião, prática ou fenômeno cultural-religioso como reflexo e necessidade de resistência dos africanos que foram trazidos como escravos para o Novo Mundo, especialmente para a Isla Hispaniola entre os séculos XVII e XVIII. Esta religião, que mistura elementos das crenças africanas com o cristianismo, foi muitas vezes praticada de maneira velada, já que a prática de suas crenças originais era estritamente proibida pelos senhores de escravos. Esta forma de resistência cultural e espiritual desempenhou um papel crucial na preservação da identidade e da dignidade dos africanos escravizados e continua a ser uma parte vital da cultura haitiana¹².

¹² Segundo Lima Filho et. al. (2023) “A religião Vodou tem seu berço de nascimento e suas raízes práticas na África Ocidental, especialmente em países como Togo, Guiné, Benim, Gana e Nigéria e no antigo Reino de Daomé. Muitos elementos foram incorporados pelos grupos de africanos escravizados e levados para a

A ênfase desta análise comparativa reside na investigação de razões que possam justificar a maneira pela qual a mídia propagou as culturas de maneiras tão acentuadas. É amplamente reconhecido que, embora essas culturas não sejam idênticas, elas compartilham semelhanças em sua filosofia e essência, principalmente no que diz respeito ao fenômeno da morte.

Após uma análise cuidadosa, concluímos que a discrepância observada não se deve necessariamente a um acontecimento histórico, uma vez que as duas culturas sofreram intervenções europeias e tiveram que criar estratégias de resistência, principalmente cultural. Seria simplista e impreciso acusar um desprezo geopolítico por parte das potências mundiais¹³, que são responsáveis por uma grande parte das produções midiáticas sobre os dois países, já que ambos lidam com tais adversidades.

Assim, somos levados a considerar que o motivo para tamanha distinção pode residir, mais uma vez, no racismo e especialmente no medo pelo desconhecido em lidar com as diferenças culturais, em como tratar “os outros”. Também é possível que esteja relacionado a xenofobia e suas implicações culturais¹⁴. Este é um problema complexo e multifacetado que permeia muitos aspectos da sociedade e pode, infelizmente, influenciar a maneira como diferentes culturas são representadas na mídia. Portanto, é crucial continuar a investigar e desafiar essas representações, a fim de promover uma compreensão mais precisa e respeitosa de todas as culturas.

BREVE RELATO SOBRE A CULTURA HAITIANA E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE A MORTE

região de Saint-Domingue e Isla Hispaniola, a partir da fixação na região caribenha e na busca por sobrevivência e manutenção da herança ancestral/cultural”.

¹³ É oportuno lembrar que no atual governo dos Estados Unidos da América (USA), liderado por Joe Biden, assim como no governo de Barack Obama, existiu/existem políticas que auxiliam a situação dos imigrantes Haitianos causando uma maior flexibilidade, mas não foi um cenário predominante na história da relação entre os dois países. Por exemplo, durante o mandato de Donald Trump, se constata que ocorreu uma das maiores campanhas por deportação de cidadãos mexicanos, haitianos e latino-americanos como um todo. Houve um vasto projeto de deportação de imigrantes nas mais diferentes escalas sociais por todo o território norte-americano.

¹⁴ Compreendemos a Xenofobia, nesta pesquisa, como um tipo de preconceito caracterizado pela aversão, hostilidade, repúdio ou ódio aos estrangeiros. Normalmente é baseado em fatores históricos, culturais, religiosos, dentre outros. Tal realidade tem crescido em muitos países desenvolvidos pelo mundo e demonstra a indiferença e mentalidade de uma parte da sociedade desses países.

O Haiti está localizado na América Central (Fig. 1), porção Oeste da Ilha Hispanica, no mar do Caribe, fazendo fronteira terrestre com a República Dominicana (a leste), tem a dimensão territorial de 27.750 km², sua capital é Porto Príncipe e o clima tropical.

Fig.1 - Localização do Haiti em relação a América Central.



Fonte: <https://mapamundial.co/m/mapadeHaiti>

A cultura haitiana, assim como toda América Latina e Caribenha, é constituída a partir das influências dos nativos, africanos e europeus. No que se refere aos africanos, a triste viagem entre a pátria mãe e o novo mundo era conduzida pelos sons de lamentos e o balanço do mar. Não qualquer mar, mas aquele que levava seus filhos em navios negreiros dos quais ninguém mais voltava. Ao desembarcarem carregavam consigo seus costumes e sua fé, na mente e coração e lutaram para mantê-los vivos no mundo inóspito e desconhecido nos quais os mesmos eram incorporados ou submetidos. Segundo Noel (2017, p. 66):

Assim, surgiu o sincretismo religioso, através da criação de uma seita, que, oficialmente, acabou se tornando uma religião: o voodoo Dahomey vodun, que significa espírito ancestral. O voodoo foi oficializado no dia 4 de abril de 2003, pelo decreto do presidente Aristide, na ocasião de nosso bicentenário de Independência, porque a maioria do nosso povo acredita que foi, através dessa religião, que alcançamos nossa Independência.

Existia entre os colonizadores a preferência por escravizados de etnias diferentes, assim os traficantes de escravos “*utilizaban la técnica de mezclar africanos de diferentes etnias*” (GRAU, 2009, p. 27) como uma forma de dificultar a relação entre eles e evitar possíveis complôs contra o poder do Homem Branco, os senhores de terra. Noel (2017, p. 68) dizia que:

Os colonizadores tinham consciência de que o idioma é uma força. Mas, com o tempo, passaram a repetir o que eles falavam, não corretamente, mas depois de certo tempo, mais do que repetir, também conseguiram criar um idioma, que é uma variação do francês com as línguas africanas.

O Kreyól (créole), foi essencial para suprimir as diferenças étnicas e estabelecer a comunicação que levou à revolução e à liberdade no Haiti, embora o francês ainda seja a língua oficial em várias instituições, desde 1961, o Kreyól é reconhecido como língua oficial ao lado do francês e sua utilização pode ser verificada em todas as regiões do país, bem como nas mais diferentes escalas da sociedade haitiana. Apresenta dois dialetos distintos: o *fablas* e o *plateau*. Também, se constata sua dominância e ampla presença especialmente em comunidades interioranas e campesinas, bem como sendo falada por grupos de famílias que imigraram para diferentes partes do mundo¹⁵.

Além da língua, o haitiano estabeleceu sua própria tradição folclórica baseada nas músicas, contos e danças ancestrais, que foram repassadas de geração em geração entre os africanos. Tais procedimentos e performances são reflexo de uma necessidade de vivência cultural e de fortalecimento identitário. Por exemplo, o folclore haitiano é, em

¹⁵ Segundo o **Haitian Creole Dictionary (2021)** “...cerca de 4,5 milhões de imigrantes falam o crioulo haitiano em outros países, tais como Canadá, Estados Unidos, França, República Dominicana, Porto Rico, Cuba, Bahamas e Brasil”. Mas os números são bem maiores pelo mundo”.

grande parte, uma forma de luta contra a opressão, a negação e o autodesprezo. Outra importante ferramenta de resistência foi o sincretismo religioso nomeado Vodou, como menciona Hurbon:

[...] Essa resistência se fez justamente sobre a base das crenças antepassadas. Desde os navios negreiros, pelo suicídio, pela greve de fome, pela recusa de medicamentos, o vento da revolta começou a soprar: os negros deixavam os corpos aos brancos e iam reunir-se no mundo de seus avôs. Não vamos levantar o número das rebeliões registradas desde o início do tráfico. Nosso objetivo agora é simplesmente recordar como o Vodou foi à primeira forma de resistência contra a escravidão. Os historiadores costumam designar pelo termo Marronage (os Quilombos brasileiros) a fuga dos escravos das plantações de cana e oficinas, para lugares inacessíveis onde reconstituíam a solidariedade étnica, recriavam suas tradições antepassadas e redescobriam a unidade espiritual para melhor afrontar os senhores brancos. É aí, nessas comunidades de resistência, que se constrói a consciência da autonomia política e cultural dos escravos. Nessa época, o Vodou é a religião que realiza a coesão dos escravos, impelindo-os à luta contra o domínio dos brancos (HURBON, 1987, p.67).

Assim, o Vodou é mais que uma manifestação religiosa, é uma resposta à exploração econômica, social, cultural e cosmológica dos brancos, ademais é uma forma de autocuidado, o Vodou Como ressalta Blanc, não é apenas uma religião, é também um sistema de cuidados de saúde, incluindo a saúde mental, que inclui práticas de cura, a promoção da saúde e prevenção de doenças e promoção do bem-estar coletivo e pessoal (BLANC, 2010, p. 2)¹⁶.

De tal modo, no voduísmo o homem é compreendido como um “microcosmo” – um pequeno universo que reflete o mundo inteiro, seus adeptos acreditam na existência de seres espirituais que habitam a natureza e influenciam a vida das pessoas, logo, tudo está interconectado. Os *loas* são as entidades que permitem uma relação direta entre os homens e o criador e cabe a eles protegerem e ajudarem as pessoas através de uma série

¹⁶ Para mais detalhes e uma melhor compreensão da religião Vodou e da sua relação com a medicina tradicional haitiana e caribenha, favor verificar a obra de Anthony Blanc “**Rekonstriksyon: la pratique clinique médiée en situation de post-urgence. Haiti**” (2010). Ou o compêndio de textos sobre o tema organizado por Alfredo Martin, chamado de “**O Vodou no universo simbólico haitiano**” (2013).

de ritos e cultos. A natureza se apresenta como um elemento muito relevante nessa busca mágica-sagrada (LIMA FILHO et. al., 2023, p. 8).

O culto do Vodou, particularmente na cultura haitiana, é uma maneira de encontrar respostas e significados para os eventos da vida. Os praticantes acreditam que essas respostas estão intrinsecamente ligadas ao seu universo simbólico. Em vez de separar as coisas em categorias distintas, eles buscam uma compreensão holística do mundo ao seu redor. Nesse sentido, o Vodou é mais do que um sistema de crenças; é uma forma de interpretar e interagir com o mundo, onde tudo está conectado. Portanto, o culto do Vodou é uma maneira de encontrar respostas e significados para os eventos da vida, refletindo a visão de mundo dos praticantes. Assim, do ponto de vista hermenêutico, os haitianos estão sempre em busca de recompor na atualidade, a ruptura histórica com a África perdida de seus antepassados (HURBON, 1987, p 16; LIMA FILHO et. al., 2023, p. 5).

A prática ancestral do Vodou nas colônias revelava uma linguagem única, onde a consciência despertava para a profunda distinção entre o mundo dos oprimidos, os escravos, e o mundo dos opressores, os senhores. O Vodou transcende a mera junção de elementos ou princípios espirituais, sendo um modo de vida e uma filosofia que orienta os seguidores, regulando seu comportamento social através de um código ético único. Tanto que, em 1757, Makandal, um escravo guineense, liderou um grupo de fugitivos, adotando a crença do Vodou como um compromisso e cultivando a convicção de que a libertação da escravidão exigia engajamento político e um pacto ético baseado na confiança absoluta, elementos fundamentais do Vodou. Até os dias de hoje, Makandal é reverenciado como um profeta no Haiti. A respeito dos eventos relacionados Hurbon (1987, p.69) nos diz que:

[...] em 1791 uma cerimônia do Vodou, célebre na história do país, representou o engajamento definitivo dos negros na luta pela independência. Nessa ocasião, foi selado pacto de sangue pelo qual os escravos comprometiam-se a exterminar os brancos e a criar uma comunidade autônoma e um refúgio seguro para todos.

Durante a colonização, os escravizados africanos mesclam elementos da religião católica às suas práticas tradicionais, contudo esse processo não foi tão simples uma vez

que tais sujeitos eram de regiões diferentes e seguiam religiões, às vezes semelhantes, outras vezes bastante distintas entre si. Tal procedimento possibilitou a adoração das divindades africanas de maneira sutil, possibilitando a emergência de cultos que misturavam os mais diversos tipos de tradições. Segundo Verger (1997, p. 22) a presença das religiões africanas no Novo Mundo é *"uma consequência imprevista do tráfico de escravos"*.

Em linhas gerais, a Igreja católica teve uma participação ativa na colonização do Haiti, exercendo influência na construção da identidade religiosa, nesse contexto, uma das maneiras de preservar o culto às suas entidades era associá-las aos santos católicos como a associação de Legba com São Pedro, Erzulie com a Virgem Maria e Papa Loko com São Francisco de Assis. Essa fusão entre o Vodou e o catolicismo possibilitou a preservação de suas tradições religiosas, como mostra a (Fig. 2) e (Fig. 3). Apesar de ser espaços de venda de materiais associados aos cultos e devoção do vodou, há claramente referências ao catolicismo com imagens de santos como São Sebastião ou do próprio Jesus Cristo, ou São Jorge como mostra a (Fig. 4).

Fig. 2 - Centro de Botanika, local de venda de boa parte dos materiais usados pelos voduístas com presença do sincretismo e referências ao catolicismo. Região de Anse-à-Pitres, Haiti.



Créditos de imagem: Sebastião Lacerda de Lima Filho (2023).

Fig. 3 - Parte das pesquisas de documentação e estudo do fenômeno e prática Vodou no sudeste do Haiti. Hounfour/Peristile Vodou do houngan Jean Baptiste na região de Anse-à-Pitres.



Crédito de imagem: Sebastião Lacerda de Lima Filho (2023).

Na prática do vodou, a natureza desempenha um papel fundamental tanto que nos rituais vodous, são utilizados materiais biodegradáveis, como cabaças, bambu e cuias de coco, em vez de plásticos ou vidros. Isso permite que esses materiais sejam facilmente absorvidos pela natureza, contribuindo para um ambiente menos poluído e demonstrando a relação de incorporação e ancestralidade por parte dos grupos praticantes de tal religião. É de fato, uma associação direta com a mãe terra e sua mescla de elementos sagrados que se perpetuam do passado ao presente e fornece muitos dados para compreensão da essência religiosa do Vodou (Fig. 4 e 5)¹⁷.

¹⁷ Segundo Lima Filho e colaboradores (2023) os Honfours/Peristiles Vodous são locais sagrados onde são realizados diferentes rituais da religião Vodou e estão distribuídos por todas as partes no Haiti, sendo encontrados grandes templos em cidades maiores, mas também espaços menores de culto ao Loas em comunidades mais interioranas.

Fig. 4 - Vista parcial da comunidade de Anse-à-Pitres, localizada na região sudeste do Haiti, com destaque para parte da vida interiorana. O vilarejo em questão entrega parte das regiões foco de estudo do Projeto Vodou de documentação de práticas culturais e medicina tradicional



Créditos de imagem: Sebastião Lacerda de Lima Filho (2023).

Fig. 5 - Documentação e visita a diferentes hounfours/peristiles vodous para compreensão das práticas culturais na região sudeste do Haiti. Na imagem registro dos bonecos Poumpan/ponpon.



Créditos de imagem: Sebastião Lacerda de Lima Filho (2023).

No contexto da morte, existe um ritual chamado "*pou dèfen yo*" que é realizado em homenagem aos falecidos. Durante esse ritual, são realizados banquetes em que alimentos e bebidas são oferecidos como oferendas aos espíritos dos defuntos, como uma forma de honrar e manter o vínculo com os ancestrais. Esses rituais têm grande importância na conexão espiritual e cultural da prática do Vodou no Haiti, onde eles acreditam fortemente na relação direta entre a vida e a morte e sua flexibilidade intensificada com as práticas vodous.

Partindo dessa noção de morte e vida e sua presença nos costumes e crenças haitianas, noções que permeiam o imaginário cultural e religioso/cosmológico desse país caribenho, o site Luto Curitiba, compartilhou no dia 23 de março de 2023 uma breve nota sobre os rituais fúnebres no Haiti, mencionando que entre sua realização e performances se observa:

Uma das práticas mais conhecidas no Haiti é o "*ritual do gede*". Este é um ritual que homenageia o espírito do gede, considerado o guardião dos mortos. Durante o ritual, os participantes se vestem com roupas coloridas e máscaras para honrar os espíritos dos mortos. Música e dança são uma parte importante do ritual, que é uma celebração da vida e da morte. Outra tradição importante no Haiti é o "*velório de nove noites*", que é um período de luto e celebração que dura nove dias. Durante esse período, familiares e amigos se reúnem para prestar homenagem ao falecido. O objetivo é ajudar a alma do falecido a fazer a transição para o mundo dos mortos de forma pacífica. Durante o velório de nove noites, os participantes cantam e rezam em voz alta, enquanto outras pessoas preparam comida e bebida para os visitantes. A comida é colocada em uma mesa em frente à casa do falecido, e os visitantes podem comer e beber enquanto se lembram da pessoa falecida. Outra tradição importante no país é a prática de enterrar os mortos em caixões coloridos e personalizados. Os caixões são frequentemente pintados com cores brilhantes e desenhos, e são uma forma de homenagear a personalidade do falecido. Essas tradições são exemplos de como outras culturas lidam com a morte de forma diferente do que estamos acostumados. No Haiti, a morte é vista como uma parte natural da vida e uma transição para outra vida. As tradições e práticas em torno da morte são uma celebração da vida e uma forma de honrar aqueles que já partiram.

Em um artigo publicado no site Vice, Usher (n.d) destaca a cidade de Jacmel – região localizada na região sul da ilha, beirando o mar do Caribe – como um exemplo

notável da cultura funerária haitiana em suas mais expressivas manifestações. Jacmel é amplamente reconhecida por suas festividades carnavalescas, nas quais as práticas do vodou e as tradições funerárias, incluindo o uso de caixões coloridos, são proeminentes e estão diretamente relacionadas. Cidades relacionadas como Thiote e La Bruja também realizam tais eventos.

No Haiti, existem várias práticas, tanto diretas quanto indiretas, relacionadas ao funeral. Em muitas dessas práticas, é comum que os participantes entrem em um estado de transe, utilizando certas substâncias como um meio de estabelecer uma conexão com o mundo espiritual¹⁸. O “Kanaval”, a versão haitiana do Carnaval, não é uma tradição funerária por se, mas é uma celebração da vida que também presta homenagem aos falecidos de forma alegre e livre. Além disso, há a celebração do Rara, que ocorre durante a Quaresma e atinge seu ápice na Semana Santa. Embora o Rara não seja explicitamente sobre a morte, ele tem uma forte ligação com o espiritual e o sobrenatural, incluindo a veneração e a memória dos mortos e dos espíritos dos antepassados.

É imprescindível destacar a relevância do enfoque no vodou haitiano neste momento. No Haiti, essa religião ancestral e profunda alcançou o status de religião oficial, e embora seja fundamentada nos princípios de respeito e harmonia, ainda enfrenta adversidades preconceituosas, mesmo dentro das fronteiras do próprio país. Prosper e Gentini (2013) mencionam em sua pesquisa que:

(...) o Vodou, predominante nas comunidades rurais no Haiti, muitas vezes é taxado como a causa de atraso do país por aqueles que quiseram transfundir nas veias dos moradores dessas comunidades uma missão civilizadora via catolicismo e protestantismo, as quais sempre defenderam que essa seria a única maneira pela qual o povo haitiano poderia se tornar “desenvolvido”, “moderno” e “civilizado” (PROSPERE E GENTINI, 2013, p. 80).

¹⁸ Em vários hounfors/Peristiles espalhados pelo país, os sacerdotes vodous ou mambos realizam uma série de preparados que permitem que os voduístas interajam com os *loas* e alcancem o que a neurociência vai chamar de “estados alterados de consciência”. Tais eventos e momentos, realizados com a presença de símbolos e desenhos chamados de *vèves* e demais práticas são fundamentais para manutenção da vida e dos cultos dessa religião.

É importante compreender que o vodou haitiano não é a causa dos problemas enfrentados no Haiti. Esses problemas são, na verdade, resultado das relações de exploração a princípio baseada no trabalho escravo, depois na disputa de poder marcada pelo autoritarismo e violência pelo qual o país e sua população foram submetidos durante tantos anos de impactos e devastação. Atribuir esse quadro de miserabilidade ao Vodou é muitas vezes reforçar a visão negativa da religião tão estereotipada pela mídia, especialmente pelo cinema que abrange não só o público infantil, mas também adulto.

Essa manipulação pejorativa da religião e cultura haitiana pode ser comprovada por meio de análises comparativas com o México, outro país latino-americano, e seus modos de lidar com a morte, seja nas reflexões construídas no passado, mas sobretudo no presente. Mesmo porque, apesar das semelhanças, como o uso de cores alegres e rituais em memória dos falecidos, no México essas práticas são divulgadas de forma fantástica, atraindo turistas, enquanto no Haiti são ignoradas ou associadas de forma tenebrosa e pejorativa ao vodou, cultos pagãos. Magia negra, ou associação com o obscuro. Realidade, claro, que não se assemelha com a realidade observada e documentada no país por muitos investigadores do tema.

Além disso, essas diferenças também envolvem as questões sociais e econômicas no Haiti, como a pobreza, a instabilidade política e a falta de infraestrutura. Tais elementos contribuem para a percepção negativa do país e uma visão distorcida e falseada da realidade. Esses problemas afetam a qualidade de vida da população e dificultam o desenvolvimento socioeconômico, o que pode ser interpretado erroneamente como reflexo da cultura haitiana. Assim, para que se compreenda e se construa um paradoxo reflexivo e analítico entre ambos os países e culturas é imprescindível uma análise mais profunda da cultura mexicana.

BREVE RELATO SOBRE A CULTURA MEXICANA E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE A MORTE

O México, terra de contrastes e belezas naturais, é como um presente triangular estendido por mais de 3000 km de noroeste a sudeste, entre os oceanos Pacífico e Atlântico (Fig. 4). Suas paisagens exuberantes abrigam três grandes conjuntos

hidrográficos, fluindo como veias que alimentam a vida deste país. O clima tropical varia em suas nuances, abraçando o território com calor e frescor.

Fig. 4 - Localização geográfica do México no continente americano.



Fonte: Site História Alternativa. Disponível em:
<https://althistory.fandom.com/es/wiki/M%C3%A9xico>

O México é um país colonizado pelos espanhóis, e da mesma maneira que os demais países ibero-americanos carrega em seus processos sociais e comunicativos uma mescla das culturas que se refletem em suas tradições. Nesse sentido, é possível observar elementos católicos e mesoamericanos em torno da morte, criando cerimônias sincréticas que misturam o sagrado e o profano, essas práticas têm raízes pré-hispânicas e remontam às culturas antigas, como Astecas, Maias, Nahuatls e Totonecas, que praticavam o culto aos mortos, celebrando a vida dos ancestrais há pelo menos três mil anos (Archer, 1997, p. 32).

Segundo o antropólogo e historiador Villasenor (2012, p.38):

A origem do dia dos mortos tem raízes nas culturas indígenas pré-hispânicas centro-americanas. A maneira própria da representação da morte, durante a festividade, acontece com humor, afabilidade e, até com certa ironia, manifestos tanto nas gravuras, como nas músicas, nas caveiras de açúcar com os nomes de pessoas. No Dia dos Mortos a cultura popular mexicana festeja, se diverte e brinca de forma irônica com a morte, misturando o sagrado e o profano, criando um sincretismo

religioso que mistura tradições religiosas do catolicismo e dos povos indígenas originários.

A celebração dos mortos estava ligada ao calendário agrícola pré-hispânico e ocorria durante a época da colheita. Era como o primeiro período de abundância, o primeiro banquete, após a escassez dos meses anteriores e a introdução do catolicismo pelos espanhóis acabou por promover a forma religiosa de culto indígena aos mortos, resultando em um sincretismo religioso que perdurou por muitos séculos. Para os astecas a morte era a maneira de participar das forças criadoras dos deuses e suas manifestações na vida. Eles acreditavam que nem a vida, nem a morte, lhes pertencia, tudo era um capricho dos deuses e que eles estavam condenados a experimentar o que fosse definido por tais seres sagrados (GALLEGO, 2007, p. 94).

Ainda sobre tais reflexões sobre o Dia dos Mortos, Villasenor (2012, p. 40) nos esclarece que para os mexicanos:

Os que morressem poderiam ir para um dos três lugares nos quais se acreditava, dependendo da causa da morte. Se se morresse por enfermidade ia-se para um lugar sem luz e sem janelas, sem oportunidade de sair; se se morresse por afogamento ou por doenças contagiosas ia-se para o paraíso, onde havia muita comida e diversão; quando se morria em batalhas ou as mulheres morriam durante o parto, iam ao céu onde vive o Sol. As culturas pré-colombianas acreditavam na imortalidade da alma e na sua vida além-túmulo ao se desprender do corpo. Para eles, a morte não significava o fim da existência, mas uma mudança comum.

Os Maias e os Astecas, por exemplo, já possuíam suas próprias cerimônias fúnebres, sendo extremamente desafiador para os colonizadores eliminarem tais práticas que está intimamente ligada ao seio cultural dessas civilizações. Diante disso, eles recorriam à estratégia do acultramento, assimilando e adaptando uma nova cultura com o objetivo de extingui-la de forma lenta, mas gradual. Esse processo envolvia absorver costumes, valores e práticas, como é claramente visto no caso do Dia dos Mortos, como mencionar Villasenor (2012, p. 40)

Os missionários católicos durante a colonização espanhola, embora tentassem acabar com os costumes indígenas do culto aos mortos, apenas conseguiram modificar essas tradições e transferir o culto aos mortos para a data da festa cristã do dia de "*todos os santos*" e dos "*fiéis defuntos*", nos dias 01 e 02 de novembro de cada ano. A tradição da celebração dos mortos, entretanto, permaneceu mais ou menos igual aos costumes originais dos diversos povos indígenas. Assim, a população deu destaque à festa do dia dos mortos, sendo parte do imaginário e da cultura popular mexicana, passando a ser vivida de maneira sincrética, misturando culturas indígenas e catolicismo.

Ainda que boa parte da população desconheça a origem da festa, o dia dos mortos é comemorado de forma leve e colorida ao som de músicas, bebidas alcoólicas, caveiras de açúcar, flores, rufas e velas entre muitas outras formas que pode variar de região para região, contudo conservando a cultura tradicional de cada lugar e família (Fig. 5).

A celebração aos mortos pode ocorrer tanto nos túmulos quanto nos altares temáticos, erguidos nas casas, o importante é que tudo esteja de acordo com o gosto do defunto, assim a pobre alma pode aproveitar ao máximo sua visita, interagindo com seus familiares, colegas e permitindo um pouco de alento e nostalgia durante o tempo de festejos, o que é por si mesmo os anseios dos que ficaram em vida. Trata-se de um momento colorido de muitas comilanças e bebedeiras. Momentos de celebração. A festividade é presidida pela "Dama da Morte", mais conhecida como *La Catrina*, personagem criada e imortalizada por José Guadalupe Posada¹⁹.

¹⁹ Se trata de uma figura de destaque no país. Foi um litógrafo político mexicano que usou a impressão relevo para produzir ilustrações populares e um grande defensor da cultura popular do país.

Fig. 5 - Vista parcial de um cemitério no estado de Oaxaca, cidade no sul do México, durante suas festividades relacionados ao Dia dos Mortos.



Crédito: Google Fotos, 2022.

Vale ressaltar que embora haja uma semelhança entre o modo como a morte é vista no Haiti e no México, estão longe de serem iguais, porém, ambas mantêm o desejo de preservar a memória de um ente querido falecido, encarando como um rito de continuidade e não um fim como de costume na cultura Ocidental europeia cristã. A festividade continua sendo realizada como forma de preservar a memória dos falecidos, mas como valorização da vida (Fig. 6).

Fig. 6 - Vista de parte dos desfiles de comemoração do Dia dos Mortos no Pueblo Magico de Xico, comunidade localizada no interior de Veracruz, Mexico.



Créditos de imagem: Sebastião Lacerda de Lima Filho (2019).

Quanto à perspectiva mexicana sobre a morte, podemos até mesmo mencionar o modo como esta ultrapassou as barreiras territoriais e imaginárias. Locais que não fazem nenhuma menção a cultura mexicana, vendem e propagam tal cultura, como por exemplo, na cidade de Areia, Paraíba, nordeste do Brasil, há a venda de artefatos com caveiras mexicanas no Engenho do Triunfo e que terminam por ampliar essa manifestação cultural de forma enorme (Fig. 7).

Fig. 7 - Chaveiro de Caveira Mexicana vendida no Engenho Triunfo em Areia – PB.



Crédito: Beatriz Freire Guimarães (2023).

Após um breve apanhado percebe-se de forma mais clara as semelhanças e distinções entre as duas culturas. No México Segundo Botelho, Darcie & Gobbi (2019, p.203):

O Dia dos Mortos nasceu de manifestações populares espontâneas, mostrando sua força nas casas mexicanas e revelando ao mundo suas cores, sabores e uma forma diferente de olhar a morte. “Como processo cultural e, sobretudo, comunicacional”, enquadrando-se nas festas de caráter espontâneo, pois são representadas por comemorações em conjunto com a população e inclui festejos folclóricos.

No que diz respeito ao Haiti, a crença nessa relação entre vida e morte é bastante significativa, ela desempenha um papel ativo de caráter social, cultural e cosmológico, tendo sido amplamente percebido para além do cristianismo e protestantismo observado no país. Os ritos antigos manifestados na religião Vodou como suporte e norteamto popular parece demonstrar a forte presença de tais costumes por parte dos haitianos. É impossível andar por qualquer região do país e não se deparar com os diferentes templos e grupos voduístas em atividades. Essas pessoas, sacerdotes e sociedades secretas relacionadas atuam na organização social ao passo que permitem que um outro lado da

vida e da morte seja percebida na cultural local, regional e nacional. A história do país, que não deixa de ser entendida de forma complexa e de resistência se fundamenta e se amplia nas teias de perseguições no passado e ainda no presente, e que, não deixam de ser alimentadas pela visão pejorativa e distorcida difundida pela indústria cinematográfica.

ANÁLISES COMPARATIVAS E O QUE OS FILMES RELATAM

Tanto no Haiti como no México, o modo como eles lidam e homenageiam seus ancestrais tem muito a ensinar para a cultura ocidental, principalmente nos aspectos relacionados ao respeito e a dignidade necessárias para manutenção do espírito humano. Tais observações nos levam a concordar com o importante historiador francês Philippe Áries, quando aponta que aprendemos na nossa cultura a temer a dor causada pela perda do outro, logo fugimos da morte, criando lacunas onde pensamos escapar desse medo *“um medo tão profundo que não se exprimia senão por interditos, ou seja por silêncios.*

A Partir de então não haverá mais representações da morte” (Áries, 2021, p.151). Ao contrário desses países que apesar de suas diferenças culturais e religiosas, apresentam algumas semelhanças ritualísticas para honrar e lembrar seus mortos. Podemos elencar entre essas paridades o respeito e veneração aos mortos que se perpetua do passado ao presente. Ambas as culturas nutrem um profundo respeito pelos falecidos manifestados no zelo e cuidado com que preservam e divulgam sua memória. Em algumas dessas práticas culturais, existem claramente a influência religiosa. No Haiti, por exemplo, a religião vodou influencia fortemente a maneira como os mortos são honrados e enterrados e como a “presença” dos mesmos continuam a exercer influência sobre os vivos.

No México, o Dia dos Mortos é uma fusão de crenças indígenas e catolicismos mesclados de forma sincrônica e plural. Assim, ambas realizam o uso de rituais e símbolos específicos. No Haiti, isso pode envolver a crença em zumbis e o uso de poções para causar estados de morte ou semimorte, enquanto no México, são utilizados altares coloridos decorados com itens que têm significado simbólico, como o *“pan de muerto”* *“tamales”* e fotografias do falecido.

Outra semelhança percebida é que em ambas as culturas as celebrações são eventos comunitários que envolvem música, dança e festividades e que congregam as mais diferentes escalas da sociedade em diferentes momentos do ano. Elas são vistas não apenas como uma maneira de lembrar os mortos, mas também de celebrar a vida e refletem a necessidade humana de honrar aqueles que partiram, mantendo uma estreita relação com a espiritualidade e ancestralidade. Porém, a colonização de pensamentos persevera mundialmente e à indústria cultural, principalmente a cinematográfica vem contribuindo para a disseminação dessas culturas, nem sempre de forma positiva como no caso do Haiti ao divulgar o vodou como uma narrativa maléfica reduzida a bonequinhos espetados por agulhas, rituais de magia negra e/ou ocultismo, propagando informações falsas no solo fértil dos preconceitos e intolerâncias religiosas em um mundo com tantos contrastes e com amplo crescimento das críticas acerca das diferenças.

O cinema enquanto veículo de entretenimento, tem a capacidade de influenciar o espectador, de transmitir um estilo, uma cultura e de construir uma ideal de realidade e valores nesses espectadores. Desde a sua criação o cinema seduz o público e carrega consigo a capacidade de registrar aspectos da vida social, muito embora nem sempre forneça versões coerentes do mundo, das relações e/ou da vida. De acordo com Fischer (2007, p. 4), as narrativas midiáticas desempenham um papel crucial em nossa busca por compreensão e conexão com nossas próprias histórias, emoções, medos, aspirações e sonhos.

Essas narrativas, que são veiculadas através de várias plataformas de mídia, como cinema, internet e televisão, servem como espelhos simbólicos de nossas experiências mais variadas.

Essas experiências, por sua vez, atuam sobre nós de maneiras profundas e significativas, acionando nossas memórias e, ao mesmo tempo, construindo e reconstruindo nossa compreensão de nossa história pessoal e social. Este processo contínuo de construção e reconstrução de nossa narrativa pessoal e social é fundamental para nossa identidade e nosso senso de pertencimento e empatia no mundo. Atua como um vetor de compreensão da realidade.

Portanto, as narrativas midiáticas não são apenas histórias que consumimos passivamente; elas são, em vez disso, ferramentas poderosas que usamos ativamente para

dar sentido à nossa existência e para nos situar dentro do tecido mais amplo da sociedade e da cultura. Através dessas narrativas, somos capazes de explorar e expressar nossos medos mais profundos, nossos desejos mais ardentes e nossos sonhos mais queridos, e é nesse processo de exploração e expressão que encontramos um pouco de nós mesmos (FISCHER, 2007, p. 294- 295).

O problema das mídias, especificamente dos filmes, está em promover a cultura dominante através das imagens captadas pela lente cinematográfica, deixando o espectador vulnerável à manipulação, por não estar plenamente consciente das mensagens e valores subjacentes que estão sendo transmitidos através do conteúdo da mídia. Isso ressalta a importância de promover a alfabetização midiática e o pensamento crítico entre os espectadores para capacitá-los a navegar de forma eficaz e responsável no cenário da mídia contemporânea (FANTIN, 2003, p. 09).

A influência cinematográfica na imaginação do telespectador é refletida no medo que muitas pessoas sentem a respeito do vodou, esse temor tem suas raízes nos filmes hollywoodianos a exemplo da “Maldição dos mortos-vivos” um filme que explora a temática dos zumbis, mesclando ficção com fatos verídicos. A adaptação para o cinema foi feita a partir do livro *The Serpent and the Rainbow*, publicado em 1988, uma obra que segundo Ebert (1998, n.p):

foi inspirado em um livro de Wade Davis, um cientista de Harvard que investigou a sociedade vodou do Haiti e identificou duas das drogas usadas para a "zombificação" - drogas que diminuem tanto a taxa metabólica de suas vítimas que eles parecem mortos e são enterrados, apenas para serem desenterrados mais tarde e revividos.

Todavia, é importante lembrar que conteúdos que exploram o voduísmo também é disponibilizado a crianças, como o filme “A princesa e sapo” da Disney, onde o vilão da história o Dr. Facilier (Fig. 8) e (Fig. 9) ou “Homem das sombras” descreve é um feiticeiro Vodou, que usa sua persuasão para atrair pessoas para fazer negócios com eles. O filme se passa na cidade de Nova Orleans, nos EUA, que é conhecida por sua rica cultura vodou. Na obra, o uso de máscaras e ambientes assustadores reforçam a estereotipação em relação à religião, o que pode gerar medo no público infantil e por

consequência preconceitos enraizados. Não é novidade que o cinema, especialmente o norte-americano venha realizando tal procedimento de estereotipar outras culturas como reforço para controle e manipulação como pode ser verificado em muitas análises críticas sobre o tema. A produção literária que em boa parte antecede tais produções também está cheia de exemplos que possibilita-nos entender como tais modelos podem ampliar a distorção e destruição de culturas ou sua total falsificação perante fatos reais.

Fig. 8 - Ilustração do Dr. Facilier do filme A Princesa e o Sapo da Disney.



Fonte: Miguel Serpa (2019). Disponível em:
<https://medium.com/@migdomserpa/a-princesa-e-o-sapo-2009-d804044dd81c>

Fig. 9 - Vilão do filme A princesa e o Sapo, utilizando o Boneco Vodou



Fonte: John Boone e Jenna Mullins. disponível em:
<https://www.eonline.com/news/541908/all-of-the-disney-villains-ranked>

Outros filmes também podem ser mencionados por contribuírem para tal noção distorcida das coisas e fatos: Maldita Sorte (2008), Amores Divididos (1997) e

Adoradores do Diabo - The Believers (1987). A questão central na discussão dessas produções, reside na sua representação do Vodou, com raras exceções como é o caso de “Zumbi Child” de 2019, dirigido por Bertrand Bonello, que apesar do olhar eurocêntrico lançado sobre os haitianos, o cineasta procura sair do óbvio, abordando questões como escravidão, religião, memória e identidade através de um paralelo traçado entre a França e o Haiti, mostrando culturas e vidas diferentes.

Como já foi mencionado anteriormente neste estudo, a prática religiosa do Vodou tem uma conexão profunda e intrínseca com a cultura do Haiti, influenciando significativamente a maneira como os haitianos lidam com o conceito de morte. No entanto, é importante ressaltar que essa visão distorcida contribuiu para a demonização do Haiti. A representação negativa do Vodou, como retratada em certos filmes, além de reforçar a manutenção de estereótipos falsos pode levar a uma compreensão equivocada da cultura haitiana e de sua religião e práticas sociais, alimentando preconceitos e discriminação. De acordo com Lígia Helena Souza:

Em Zumbi Child, a legião dos mortos, por exemplo, o vilão é o feiticeiro vodu, assim como era para os haitianos, mas, no lugar de impedir que sua vítima experimentasse a liberdade trazida pela morte, Legendre (Lugosi), um homem que não é negro, mas tem um sotaque diferente do americano (o ator era húngaro), quer dominar a mente dos visitantes (especificamente a loira Madeline Short, vivida por Madge Bellamy) e tirar a sua liberdade de escolha. No filme, o Haiti é, então, um lugar desconhecido, de magia perigosa para os brancos que passam por lá (SOUZA, 2020, p. 128).

A ênfase dada exclusivamente aos aspectos de zumbificação e maldições resulta em uma simplificação indevida de uma prática religiosa que é, na realidade, complexa e rica e que tem suas origens em muitos outros grupos e regiões africanas. Que por si mesmas estão carregadas de elementos culturais e noções de vida e morte que perpassam a nossa compreensão ocidental.

Em contrapartida, essa mesma indústria cultural que utiliza como base a cultura de outros povos para fabricar seus produtos, trazem narrativas que enaltece a beleza da cultura mexicana a respeito do mesmo tema, a morte, enaltecendo valores voltados a ancestralidade

e a beleza do reconhecimento amoroso das famílias e amigos em relação àqueles que partiram para o “outro lado”.

Podemos citar para análise comparativa um filme também da Disney chamado “Viva: A vida é uma festa”(2018), inspirado nas festividades do dia dos mortos e aponta diversas práticas comuns nesta comemoração, como: Altares com oferendas, túmulos com retratos dos falecidos, cercados de comidas e bebidas, destaca a Flor Cempasúchil muito utilizada nesta data. Uma curiosidade sobre tal flor é que a planta era tradicionalmente utilizada para propósitos curativos, mágicos e de fertilidade, de acordo com as antigas crenças pré-hispânicas. Sabe-se que a tonalidade amarela da planta era uma representação do sol, assim, acreditava-se que ela atuava como um guia para as almas dos mortos, conduzindo-os desde o cemitério até suas residências, através de trilhas formadas por pétalas e arcos, como mostra a (Fig. 10).

Fig. 10 - Cena do filme Viva: A vida é uma festa, sobre a ornamentação de altares com flores, banquetes e retratos.



Fonte: Site Encena. Disponível em: <https://goo.gl/zBf6gi>

As famosas caveiras coloridas e chamativas como os desenhos pintados em cachos do Haiti também são representados durante todo o filme, acreditando que a pintura seria uma forma de proteção contra inveja e más energias. Outros filmes também relatam a rica e benéfica cultura mexicana, como o filme 007 Contra Spectre (2015), enfim, o modo como a

morte é vista no México é tão admirada que A UNESCO declarou a celebração do Dia dos Mortos como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 2003.

Porém, é importante ressaltar que mais do que uma simples comemoração, a relação dos indivíduos com a morte originou signos comunicativos passíveis de leitura, principalmente tendo em vista que se trata, afinal, de uma grande festa, que envolve aspectos culturais, sociais, além dos econômicos, mercadológicos e turísticos (Botelho et al, 2019, p 202), além de ser um meio de resistência cultural, tendo em vista que muito da celebração remonta ao modo como os astecas cultuavam os mortos, pelo menos é o que se constata durante as pesquisas sobre a celebração do dia dos mortos mexicano. Nessas festas ofereciam-se comidas e bebidas típicas, havia música e flores costumes que fizeram parte do mundo indígena de outrora.

Inserido nesse contexto percebemos como a sétima arte serve de instrumento na propagação de ideias, identidade de uma sociedade, divulgando culturas e modificando ou criando maneiras de ver, de pensar, de fazer e de sentir. Nesse cenário hollywoodiano se destaca, devido a seus

“monopólios americanos [que] adquirem as melhores salas de estreia da Europa, a maior parte das vezes através de firmas interpostas ou por meio de participação financeira majoritária em sociedades com cadeias de distribuição-exibição europeias” (GAEDA, 1977, p. 40).

Em concordância com o pensamento de Gaeda, Fressato menciona que “*Adorno e Horkheimer colocam que as mídias serviam às formas da economia e da política capitalista e que a arte e a cultura haviam se transformado em mercadoria, podendo, assim, iludir, manipulando as massas*” (FRESSATO, 2009, p. 88). Logo, as produções cinematográficas são um dos meios pelo qual um povo enxerga a sua cultura e a de outras comunidades, impactando profundamente na maneira como formamos nossas opiniões e vemos o mundo.

Dentro desse contexto, as produções cinematográficas costumam dar mais destaque a uma cultura branca de predominância marginalizando e excluindo as demais, diminuindo a visibilidade da diversidade cultural. Tais procedimentos e reflexos já foi amplamente denunciado por muitos antropólogos, sociólogos e historiadores, mas

seguem sendo realizadas pelos mais diferentes veículos de massa e de entretenimento social tão presente no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como as sociedades interpretam e constroem elementos de valorização social e cultural como mecanismo de sobrevivência de seu passado histórico e seu presente político, termina sendo um dos caminhos mais coerentes, produtivos e positivos pelos quais antropólogos, historiadores e sociólogos, por exemplo, podem e devem caminhar. Investigar diferentes visões de mundo que estão carregadas de simbolismo e elementos identitários termina atuando como uma contribuição para preservação de culturas e sociedades como as apresentadas aqui. Também, atua como uma espécie de crítica e denuncia das distorções e intolerâncias construídas a partir de visões distorcidas da realidade, se levarmos em questão toda a discussão teórica e reflexões práticas apresentadas neste estudo de caso do Haiti e México.

Portanto, este estudo apresentou uma análise comparativa meticulosa das percepções da morte no México e no Haiti, sublinhando a maneira pela qual os fatores culturais e religiosos moldaram essas visões ao longo do tempo e se refletindo nas visões e estereótipos criados. Apesar de suas diferenças, ambos os países enfatizam celebrações, rituais e crenças espirituais em torno da morte e sua dualidade com a vida, tratando a ancestralidade com respeito e honra. No entanto, as representações da morte nesses países são percebidas de maneira bastante distinta no exterior, em grande parte devido à influência dos meios de comunicação social.

A associação entre a morte haitiana e o vodou é frequentemente estigmatizada com medo e preconceito, em grande parte devido às representações assustadoras nos filmes. Foi possível concluir que isso se deve ainda a um racismo e uma xenofobia emergente, enraizados contra os negros desde a colonização escravocrata, tendo em vista que durante muito tempo, e por que não dizer, ainda hoje, a cultura europeia qualificou religiões da cultura africana como algo demoníaco, profano e sinistro, distantes do que chamamos de “os caminhos de Deus”.

Por outro lado, a vibrante e colorida celebração dos Mortos do México atrai visitantes de todo o mundo. Embora os ancestrais mexicanos também tenham sofrido preconceitos e assassinatos horríveis, a aculturação da cultura do Dia dos Mortos foi incorporada ao cristianismo de forma mais natural e socialmente aceitável, causando menos estranhamento e mais glória à cultura nacional dentro do país e pelo mundo afora. Para os haitianos praticantes do vodou, “aceitar” os santos católicos em sua religião foi uma estratégia de resistência e sobrevivência. Algo que foi realizado por muitas outras populações pelo mundo.

Em suma, este trabalho destaca a importância de entender as concepções culturais e religiosas da morte para apreciar plenamente a diversidade e a riqueza das tradições em diferentes sociedades e suas transformações e orientações ao longo do tempo. Essas percepções são reflexo de um mundo em constante mudança e que mesmo que tenha avançado em desenvolvimento econômico e tecnológico, ainda parece carente enquanto valores de fraternidade e sociedade global. Embora sejamos uma única espécie do tipo homo nos tempos atuais, ainda assim rejeitamos as diferenças e tratamos boa parte das diferenças culturais de forma apática.

Para além dessas observações constatadas e descritas anteriormente, ressalta de forma alarmante o papel poderoso que a mídia pode desempenhar na formação de percepções e estereótipos culturais desde a infância e como isso pode contribuir para ampliação de um desequilíbrio social. Isso nos faz refletir sobre o importante papel do conhecimento científico coerente e a divulgação de informações seguras e corretas na tentativa de melhorar as percepções da sociedade atual. Assim, constata-se ainda a necessidade e o papel do educador nas escolas, e nas mais diferentes repartições públicas ou privadas como sujeitos ativos na construção de informações plausíveis, sendo necessário prepará-los para ativar o senso crítico seu e de seus alunos, para que, sem sensacionalismos, a educação possa ocorrer de forma adequada e as diferenças locais, regionais, nacionais e também internacionais sejam vistas como avanços na pluralidade cultural e humana tão necessárias em tempos de guerra, rancor e ódio como os que testemunhamos no mundo.

REFERÊNCIAS

ARIES, P. 2012. **História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias.** Tradução Priscila Viana de Siqueira- [edição especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ALEXANDRE, V. V. 2022. **O Caribe entre leis e fronteiras étnicas: a escravidão de indígenas e africanos na ilha de Española, 1492-1551.** Florianópolis.

ARCHER, C. 1997. **Encyclopedia of Mexico.** Chicago: Fitzroy and Dearborn.

BLANC, A. 2010. **Rekonstriksyon: la pratique clinique médiée en situation de post-urgence.** Haïti: Port-au-Prince.

BOTELHO, D. M.; DARCIE, M.; GOBBI, M. C. 2019. **Día de los Muertos no México: Uma análise folkcomunicação** Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 17, núm. 38, -Junio, pp. 200-216 Universidade Estadual de Ponta Grossa Ponta Grossa, Brasil.

CARMACK, R. *et. al.* 1996. **The legacy of Mesoamérica: history and culture of a Native American civilization.** Prentice Hall. Nueva Jersey.

CLARK, G. 1988. **The Nine Years War, 1688-1697** em JS Bromley (ed.) *The New Cambridge Modern History*, VI, 223-53.

CENSER AND HUNT, LIBERTY, EQUALITY, AND FRATERNITY, 123. 2009. **Dutty Boukman, Haitianite.** com [Archived](#). February, at the Wayback Machine. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Wayback_Machine

COMO outras culturas lidam com a morte- Haiti. Luto Curitiba. 23 de março de 2023. Acesso dia 18 de Dezembro de 2023. Disponível em: <https://lutocuritiba.com.br/2023/03/23/como-outras-culturas-lidam-com-a-mortehaiti/#:~:text=No%20Haiti%2C%20a%20morte%20C3%A9,honrar%20aqueles%20que%20j%C3%A1%20partiram.>>

DAVIS, E. W. 1985. **The Serpent and the Rainbow: A Harvard Scientist's Astonishing Journey into the Secret Societies of Haitian Voodoo, Zombies, and Magic.** USA, Simon & Schuster.

EBERT, Roger. 1998. **Sinopse do filme: A Serpente e o Arco-Íris.** Disponível em: <https://www.rogerebert.com/reviews/the-serpent-and-the-rainbow>.

FANTIN, M. 2003. **Produção cultural para crianças e o cinema na escola.** In: 26ª Reunião Anual da Anped, 2003, Poços de Caldas. *Novo Governo Novas Políticas? 26ª Reunião Anual da Anped.* Rio de Janeiro, v. 1, p. 246-246.

FISCHER, R. M. B. 2007. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas.** Revista Brasileira de Educação. São Paulo, v. 12, n. 35, maio/ago.

LIMA FILHO et. al., **Nota preliminar sobre estudos iniciais de Etnobotânica e Antropologia Cultural no Sudeste do Haiti e na porção sul da República Dominicana: documentação da prática Vodou e sua contribuição para Medicina Tradicional na Isla Hispaniola, mar do Caribe.** Campina Grande. Revista Tarairiú.

GAEDA, E. 1977. **O imperialismo e o fascismo no cinema.** São Paulo: Ed. Moraes.

GRAU, M. I. 2009. **La Revolución Negra: La rebelión de los esclavos em Haití: 1791-1804.** México: Ocean Sur.

HURBON, L. 1987. **O Deus da resistência negra: o vodu haitiano.** São Paulo: Paulinas.

JOSEPH, W. 2023. **História da crise sócio-política do Haiti: como tudo chegou ao ponto atual?** Site Le mondediplomatique. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/historia-da-crise-socio-politica-do-haiti-como-tudo-chegou-ao-ponto-atual/>.

LAURENT, Emmanuel Stéphane. 2020. **DROITS DE L'HOMME ET ZOMBIFICATION EN HAÏTI.** Université D'état D'HAÏti (UEH), Port-au-Prince, Janvier.

MANZANILLA, L., y LÓPEZ LUJÁN, L. 1989. **Atlas Histórico de Mesoamérica.** Larousse. México.

NOEL, M. **Escravos ou escravizados? Haiti: uma história de paixão, de luta e de sofrimento** – Caxias do Sul, RS: EducS.

OLIVATO, L. 2011. **AS DINÂMICAS SIMBÓLICAS NA CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO DE INDEPENDÊNCIA MEXICANA** Espaço Plural, vol. XII, núm. 24, pp. 13-25. Universidade Estadual do Oeste do Paraná Marechal Cândido Rondon, Brasil.

PEREIRA, A. R. G; PAULINO, A. G. L. 2021. **TRÂNSITO RELIGIOSO: estudo de uma trajetória entre umbanda e catolicismo in Religiões, espaço público, tensões e conflitos em um cenário plural** [livro eletrônico] / Organizador, Antonio George Lopes Paulino. - Fortaleza: Imprensa Universitária.

PERRY, J. 2005. **Exércitos arrogantes: grandes desastres militares e os generais por trás deles.** Edison: CastleBooks.

PROSPERE, R. & GENTINI, A. M. 2013. **Voodoo in the Haitian symbolic universe.** Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 11, n. 1, p. 73-81, jan./jun.

SOUZA, Lúgia Helena. 2020. **DO VODU AO VÍRUS: A EVOLUÇÃO DO ZUMBI E SUA ADAPTABILIDADE ÀS HISTÓRIAS QUE CONTA.** Scripta Alumni Curitiba, Paraná, v. 23, n. 2, p. 122-138, jul.-dez.

USHER, T. **Espíritos, Caixões e Encantadores de serpentes: Fotos do carnaval do Vodou no Haiti.** Site Vice. Disponível em:

Revista de Ciências Humanas CAETÉ, 2024
V. 6, Nº 1, 148-188, GUIMARÃES; LIMA FILHO; MORAIS FILHO; MACEDO;
LAURENT.

https://account.anonymised.io/login/oauth2/auth?client_id=https%3A%2F%2Fwww.vice.com&redirect_uri=https%3A%2F%2Fwww.vice.com%2Fpt%2Farticle%2Faewqaa%2Fspirit-o-s-caixes-e-encantadores-de-serpente-fotos-do-carnaval-do-vudu-no-haiti%3Fcallback%3Din&response_type=code&scope=token+profile+id_token&state=edb c0 883b22a4fcba8eec75700c8e025&code_challenge=9MZnjUhMpsqyPdueKom9ovP-7v7OAtveZ9uTS9QfbJA&code_challenge_method=S256&response_mode=query
Último acesso no dia: 17 de janeiro de 2024.

VERGER, P. F. 1997. **Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo.** Salvador. Corrupio.